

cura-se examinar com minúcia a importância relativa dos três níveis de escolaridade – primário, secundário e superior – sobre o referido processo, a partir dos dados de matrícula e do grau de escolarização da força de trabalho. Uma das conclusões básicas sugere que a disponibilidade de educação fornecida aos habitantes de determinado país constitui um dos mais importantes fatores na explicação da redução do hiato de renda *per capita* observado entre as economias atrasadas e as mais prósperas.

Essa conclusão decorre sobretudo da constatação de que o grau de escolarização também age indiretamente como um fator impulsionador do crescimento por meio de seu efeito positivo sobre o investimento e, mais ainda, as evidências mostram a existência de uma forte complementaridade entre o investimento e a disponibilidade de força de trabalho qualificada, resultando que a convergência nas taxas de investimento em capital humano são acompanhadas de convergência nas taxas de investimento em capital físico.

Esse fato vem reforçar a necessidade de os países mais pobres mobilizarem recursos crescentes para investimento em todos os segmentos da educação, a fim de propiciarem a configuração de um efetivo processo de convergência do produto *per capita*. O desenho de políticas de desenvolvimento assentadas apenas no crescimento do estoque de capital físico não resultará em expansão sustentada da economia como, apesar de tudo, muitos ainda hoje acreditam. ●

*ALDIR BALENCOURI DA SILVA é professor do Dept. de Economia, UFPI, Mestre em Teoria Econômica/CAEN

**MARCOS BORGES DE ALMEIDA é professor de Economia do Curso de Doutorado em Economia da UFPA

A GÊNESE DA ECONOMIA COMO CIÊNCIA

*SEBASTIÃO CARLOS DA ROCHA FILHO

Já nos perguntamos: Por que somente no Século XVII a economia surge como ciência? Por que somente neste período é rompido definitivamente o cordão umbilical com a filosofia e a teologia? Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre tais questionamentos com o objetivo de perceber qual o lugar da Ciência Econômica na escala evolutiva do pensamento humano. Perceber também quais os fatores de ordem filosófica, política e teológica que contribuíram para tal fim.

Uma semente para germinar precisa de um terreno fértil. A Economia não poderia surgir em um ambiente que não fosse propício. O mundo primitivo, antigo e medieval era caracterizado por fatores incompatíveis com a lógica de pensamento que deu fruto ao mundo moderno. Somente uma revolução no campo do trabalho, da religião e da filosofia seria capaz de fertilizar tal terreno. Mas, quais as características de tamanha infertilidade?

A preocupação humana com o problema da sobrevivência material é tão antiga quanto o próprio homem. O trabalho sempre foi o instrumental fundamental para satisfazer as necessidades vitais do homem. Porém, quando falamos de trabalho como gerador de riqueza nos surpreendemos porque é tão recente quanto o relógio mecânico. A sobrevivência das sociedades antigas era mantida através da força, com o trabalho escravo, ou da tradição familiar onde as profissões eram passadas de pai para filho. Os gregos por exemplo, tratavam o trabalho como uma atividade inferior. Era a atribuição dos escravos, classe inferior e desprovida de virtudes e saber. A atividade por excelência dos gregos era a política e a filosofia. Foi Aristóteles, o sistematizador do pensamento grego antigo, quem caracterizou a economia como atividade prática não direcionada à pólis, lugar privilegiado dos sábios.

Todos os pensadores antigos colocaram o conhecimento ligado às questões da natureza como inúteis e desprovidos de racionalidade. Racional era o mundo metafísico, das

ideias, supra-sensível.

Analisemos agora o terreno medieval. Todos nós sabemos que a cultura medieval é uma herança decadente da cultura grega. Foi o pensamento de Platão, Aristóteles e das correntes filosóficas do helenismo que serviu de base para a configuração daquilo que podemos chamar de "Pensamento Medieval". Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino foram os referenciais do conhecimento durante dez séculos, foram eles que definiram a metafísica cristã e a ética em relação ao trabalho, mercado e capital. Rotularam a busca da riqueza pela própria riqueza como pecado como também não concebiam o conceito de propriedade como fruto do ganho, do lucro. O homem medieval era um homem prisioneiro das estruturas políticas, sociais e religiosas. Livre era o homem sem fé, Deus e Senhor.

Não foi só a cultura grega que influenciou a cultura medieval, traços da cultura judaica também são marcantes dentro do pensamento cristão pois a religião católica é uma dissidência do judaísmo antigo. A aversão ao comércio é uma marca profunda. O comércio favorece o contato com povos estrangeiros, porém a figura do estrangeiro é vista de forma negativa como os escravos. Foi o contato com estrangeiros que fez com que o Império de Davi fosse dominado e o Povo de Deus condenado ao exílio.

"A sobrevivência das sociedades antigas era mantida através da força, com o trabalho escravo, ou da tradição familiar onde as profissões eram passadas de pai para filho. Os gregos por exemplo, tratavam o trabalho como uma atividade inferior."

Até o primeiro cisma católico se deu por conta do estrangeiro pois São Pedro queria que o Evangelho de Cristo fosse pregado aos judeus, povo escolhido por Deus para libertar as nações, e São Paulo aos gregos. Seria difícil para a economia surgir como ciência no mundo em que o trabalho, a terra e o capital não eram vistas de forma abstrata. Havia a coexistência entre esses fatores como necessidade de sobrevivência mas como substrato de lucro e riqueza não. Neste ambiente temas ligados à moral, filosofia e fé eram bem vindos, só não tinha lugar para problemas econômicos. Foi de extrema importância o rompimento com tais concepções para que uma nova postura em relação à economia surgisse e para que um novo modo de produção pudesse aparecer.

As lutas camponesas dentro da estrutura feudal decadente abriram caminho para as monarquias centralizadas surgindo assim o espírito nacional que protegia as indústrias nascentes. No contexto religioso, a negação do pensamento aristotélico-tomista e a tolerância religiosa favoreceram o nascer de uma nova antropologia religiosa que viu no trabalho e na riqueza a piedade e a santidade. Finalmente o homem se torna livre da religião e do poder político.

O alcance do poder é possível através da pesquisa, pesquisa, trabalho, trabalho, lucro e lucro. O conhecimento deixa de ser privilégio dos sábios e a sabedoria humana não é uma categoria inferior à sabedoria divina, ou seja, neste novo terreno o homem acredita em si mesmo e em suas potencialidades. Agora, os valores metafísicos, filosóficos e teológicos já não são mais importantes, a especulação do conhecimento se dá não por revelação ou inspiração divina mas através da pesquisa empírica, provisória e imediata. A ciência se torna independente da filosofia e define seu próprio método. Neste contexto a economia surge como forma de especulação independente em um primeiro momento com os tísicratas, depois com Ricardo, Smith e Marx. ●

*SEBASTÃO CARLOS DA ROCHA FILHO é professor do Dept. de Filosofia/UFPI e aliano de Curso de Economia/UFPI

A Empresa Vo Recur

*Tiago Cardoso Rosa

As empresas de supermercados, que pretendem oferecer para o consumidor um serviço de qualidade, como forma de conquistar sua presença em seus ambientes de compra, devem colocar a área de recursos humanos como estratégica. O sucesso dessas empresas depende diretamente de um bom recrutamento, seleção e treinamento de seus funcionários. Como diz Ferraz (1999, p.27), "hoje, o grande diferencial de uma boa gestão está em como a empresa mantém seus funcionários motivados."

A empresa voltada para o funcionário, aquela que tem o ativo humano como o recurso mais importante, tem melhores condições de oferecer um serviço de qualidade ao consumidor no momento em que ele realiza o ato de compra. A forma como o varejista se relaciona com seus funcionários define o tipo de organização. Empresas que se relacionam com respeito com seu pessoal têm mais oportunidade de conquistar a sua confiança e, isto define uma organização voltada para atender às necessidades e desejos de seus consumidores. Um ambiente organizacional de qualidade motiva o pessoal de forma emocional a trabalhar auto-estimado, envolvendo-se de maneira eficiente no desempenho de entregar um produto ou serviço, acrescentando benefícios na expectativa de sua clientela.

Na opinião de Huggard-Caine e Yoshimura (1999, p.40-41), a empresa para obter "o sucesso nos negócios tem muito a ver com boas políticas de reconhecimento e remuneração, bom ambiente de trabalho, treinamento e desenvolvimento, segurança financeira, saúde, bem estar e qualidade de vida dos funcionários" e, acrescenta como forma de melhorar o relacionamento empresa-funcionário e funcionário-empresa: "Quer que seus funcionários dêem atendimento personalizado ao cliente? Dê atendi-

mento personalizado a seus funcionários, fazendo com que eles entendam como é se sentir especial!"

Quando a empresa desenvolve uma política orientada para valorizar os funcionários, eles passam a realizar seu trabalho de maneira mais motivada, sentindo-se mais importante e realizado. Percebe-se que o funcionário possuidor desses requisitos passa a vê o cliente como uma pessoa participante do negócio e, como resultado, lhe tem mais respeito, ouvindo-lhes as reclamações e sugestões, na intenção de lhe acrescentar mais satisfação, quando estes estiver realizando suas compras no espaço das lojas.

Blecher (1999, p.14-20) explica que o ambiente de muitas empresas estão se tornando mais prazerosos para trabalhar, em virtude de que "há mais gente acreditando que seus superiores são honestos e éticos na condução dos negócios. Que cumprem o que prometem. O espírito de equipe é mais visível e reconhecido por um número cada vez maior de subordinados." Blecher (1999) continua explicando a mudança no ambiente empresarial. "Cresceu o capital de confiança tanto nas empresas como nos chefes. É bem superior hoje, do que três anos atrás, o número de funcionários que planejam permanecer por mais tempo no atual emprego."

Tudo esse movimento de mudança no perfil das empresas que querem construir uma visão de organização orientada para atender sua clientela com um serviço de excelente qualidade, perceberam que só conseguirão alcançar sucesso se, principalmente, desenvolver políticas motivacionais que fortaleçam a auto-estima de seus funcionários. Mas uma motivação com justiça, que inclua não só os valores monetários e, principalmente, os não monetários, onde o desempenho individual ou por